INFORMATIVO

UDESC - FAED
MEC - SESU

Centro de Ciências
Humanas e da Educação

UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

Ano IX – N° 94	Segundo Trimestre de 2015	
	PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL **PETGeo** **INFORMATIVO**	

ISSN: 1982-517X

Editorial

Nessa edição: Página

Editorial 3
De Olho no Programa 4
Políticas Locais 7
O MOVIMENTO DE LÁ PRÁ CÁ: HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA - BRASIL 10
PET Indica 22
Eventos 23

PET Geo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Daiane Rocha Santana, Gabriel Luiz de Miranda, Gabriela Gonçalves Rosa, Ian Monteiro de Assis, Júlia Bastos Barcelos, Lucas Gonzaga Coelho, Marco Antonio Catuti, Marina Pinho Bernardes, Raphael Meira Knabben, Thalita Reis Magalhães e Yasmim Rizzolli Fontana dos Santos,
Tutora: Prof.ª Vera Lucia Nehls Dias.

Edição: Ian Monteiro de Assis, Lucas Gonzaga Coelho e Marco Antonio Catuti .
Revisão: Grupo PET-Geografia
Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: *petgeopress@gmail.com*

Editorial

Caro leitor,

Apresentamos aqui a segunda versão trimestral do informativo do PETGeo UDESC, trazendo as atividades realizadas pelo grupo nestes meses, o artigo "O Movimento de lá para cá: Haitianos em Florianópolis – Santa Catarina – Brasil" de autoria de Daniela Gotz, além das colunas: De Olho no Programa, Políticas Locais e PET Indica. No mês de junho, fomos à E.E.B. Getúlio Vargas para aplicar o projeto de extensão CinePET a alunos do segundo ano do ensino médio, com o objetivo de discutir o tema polêmico da Farra do Boi, sendo esse apenas um único encontro, onde apresentamos vídeos sobre diferentes opiniões e em seguida se abriram rodas de debate entre os alunos que deveriam defender suas opiniões.

Apesar do ritmo de férias, os trabalhos em julho continuaram. Junto com os outros grupos PET da UDESC foi realizado em Joinville o InterPET, visando a discussão de pontos que mais tarde seriam debatidos no encontro nacional dos grupos PET (ENAPET).

Sendo assim, no final do mês o grupo viajou a Belém do Pará para a participação no XX ENAPET. Durante os cinco dias de evento o grupo esteve presente em discussões para melhorias no programa, pontos esses que foram repassados para aprovação da comunidade PETiana na assembleia geral. Também foram apresentados pelo grupo, quatro trabalhos, sendo dois destes referentes aos projetos de extensão realizados pelo nosso grupo PET e os restantes a projetos de pesquisa de alguns bolsistas do programa. No penúltimo dia de evento, através da união e mobilização dos PETianos foi realizado no centro de Belém um ato de protesto e reivindicação de melhorias e reconhecimento do programa.

Voltando às aulas, como de costume apresentamos aos calouros da Geografia 2015/2 nosso projeto de extensão A Geografia como Profissão e divulgação do nosso laboratório, o objetivo dessas apresentações é receber os calouros e deixá-los a par das áreas de atuação do geógrafo, tentando também evitar a evasão do curso.

Já no início do segundo semestre, fomos a E.B.M. Donato Alípio de Campos, para aplicar o projeto Educação Ambiental para uma turma de 9º ano, onde demos uma base sobre a importância da reciclagem e por fim ensinamos eles a confeccionar objetos utilizando materiais recicláveis, como por exemplo caixas de leite e garrafas pet.

Neste mês de agosto foi aberto o nosso processo seletivo, onde foram abertas três vagas para bolsistas, no dia 31/08 saiu o resultado, sendo os novos bolsistas: Gleidso Ribeiro Ferrugem, Marcelo de Araújo e Luiz Jayme de Sousa Neto. Além disto ficaram no programa como voluntários: Bárbara Isadora Grando e Vitória Novello Bernardino.

Desejamos a todos um excelente semestre, repleto de novos aprendizados e amizades!

De Olho no Programa

Mobiliza PET

por Raphael Meira Knabben

Entre os dias 27 e 31 de julho de 2015 ocorreu o XX Encontro Nacional dos Grupos PET (ENAPET) na cidade de Belém. O encontro contou com a programação tradicional, como as mesas redondas, encontro por áreas, apresentação de trabalhos e atividades culturais, mas também contou com a realização do II Mobiliza PET no dia 30/07/2015.

Devido aos constantes atrasos de bolsa e do custeio, da rotatividade compulsória de tutores, da falta de incentivos para a manutenção do Programa de Educação Tutorial como um todo, da resolução do FNDE que permite que o pagamento de bolsas seja suspenso a qualquer tempo, entre outras pautas, discentes e tutores das cinco regiões do Brasil se reuniram por meio das redes sociais para estruturar um movimento reivindicatório, daí surgiu a ideia da realização do II Mobiliza PET, a primeira edição ocorreu na cidade de Brasília nos dias 3 e 4 de dezembro, resultando na nomeação da Comissão de Avaliação pouco tempo após o ato.

É incrível pensar que todo este movimento foi organizado por meio das redes sociais. Muito dos petianos envolvidos na organização jamais haviam se encontrado pessoalmente. Eram petianos envolvidos em uma causa comum, que se separaram em comissões específicas: Atos regionais, ato em Belém e comissão de vídeos e redes sociais. A primeira ficou responsável pela articulação e organização de atos nas suas IES ou integrando outras IES de instituições próximas para realizar movimentos locais, contou principalmente com discentes que não puderam participar do encontro nacional. A terceira comissão era responsável pela oxigenação das redes sociais (instagram e facebook), disponibilizando informações, realizando vídeos e solicitando que os grupos fizessem suas contribuições.

A segunda comissão era a que teve de organizar o ato em Belém. Nas discussões anteriores ao ENAPET, nos atemos às palavras de ordem, possíveis trajetos e locais para se aglomerar para a manifestação de rua e na articulação com os petianos “da casa”

(de Belém). Já na abertura do XX ENAPET foi solicitado pela comissão um espaço de fala para que pudéssemos explanar os motivos da necessidade da realização do II Mobiliza PET, tal fala foi exercida pelo petiano do grupo PET Geografia da UDESC, Raphael Meira Knabben.

No dia seguinte a abertura do evento ocorreu o encontro de tutores e o encontro de discentes. Nestes encontros foi mais discutido sobre a mobilização, além de ser recolhido dinheiro entre os participantes para a compra de materiais e aluguel do carro de som, entre outros materiais que se fizessem necessários. Nada foi fácil. Como a UFRA (Universidade Federal Rural da Amazônia), local onde aconteceu grande parte do evento, estava em greve, teve-se que negociar para que tivéssemos o translado entre a UFRA e o local da manifestação. O primeiro local acabou sendo descartado e até na quarta-feira de manhã ainda não tínhamos o trajeto definido, tendo esta certeza apenas na quarta-feira à tarde. Os materiais para confecção de faixas, camisetas, cartazes e materiais artísticos para a manifestação foram adquiridos na quarta-feira ao meio-dia, às vezes era necessário abdicar de certos "luxos" como se alimentar, no retorno à universidade, ficamos até às 20h na oficina de realização de materiais.

Na quinta-feira pela manhã ainda não tínhamos certeza da disponibilidade dos ônibus da UFRA, o que trazia uma extrema insegurança, mas logo confirmaram três ônibus que levariam a comunidade petiana interessada em participar deste movimento. Ao terminar uma mesa redonda do dia 30/07 aproximadamente às 15:45, os petianos se dirigiram aos ônibus, tomaram seus cartazes à mão e foram para São Brás. Após a aglomeração na praça e algumas falas, seguimos em caminhada por aproximadamente 3 horas, fechando sempre uma das faixas das avenidas. O evento teve visibilidade e inclusive foi reportado no Diário do Pará.

Entretanto algumas ponderações precisam ser realizadas. Ficou visível a falta de engajamento político de grande parte dos petianos, que simplesmente preferiram não ir à mobilização, dando justificativas do tipo: "o sol de Belém é muito quente", ou que estavam cansados. Estes são aqueles petianos que, a meu ver, não possuem qualquer autoridade para reclamarem de qualquer situação em que a educação no país se encontra, pois se nem pelo próprio programa que são vinculados estão batalhando, não possuem autoridade moral para exercer a crítica sobre o que está sendo realizado pelos governantes.

De Belém saiu o desejo de ainda este ano realizar o III Mobiliza PET, novamente na capital federal. Alguns grupos da UnB já tomaram partido e se

dispuseram a organizar e pensar em estratégias para a realização deste evento no mês de outubro ou novembro. A comissão organizadora do II Mobiliza PET segue na luta e no engajamento político visando uma união estratégica com sindicatos, o movimento estudantil e outros programas que vem sofrendo cortes, objetivando um fortalecimento da luta pela educação como um todo.

Políticas Locais

CONJUNTURA BRASILEIRA ATUAL

Por Lucas dos Santos Ferreira
Mestre em Geografia Humana pela USP
Professor do Departamento de Geografia da UDESC
Agosto de 2015

Não obstante a excessiva pirotecnia dos principais veículos de comunicação do país, é com certa razão que empresários, sindicalistas, intelectuais e a população em geral estão receosos com o atual cenário macroeconômico. Desvendar as variáveis envolvidas no processo é fundamental para escaparmos de visões fantasiosas de setores da esquerda (negação da paralisia econômica) e da direita (crença de que queda de Dilma será solução mágica para todos os problemas).

Os governos de Lula e Dilma foram responsáveis por transformações na estrutura econômico-social brasileira como: 1) alavancagem do potencial financeiro estatal (BNDES, BB, CEF, etc.); 2) constituição de programas de investimentos em infraestrutura visando ampliação de competitividade empresarial (PAC 1, PAC 2, etc.); 3) elevação do poder de compra dos trabalhadores e mitigação da extrema pobreza de vasto contingente populacional via programas sociais (Bolsa Família, Luz no Campo, etc.); 4) bloqueio de privatizações de setores rentáveis e com capacidade de realização de investimentos (USIMINAS, VALE, etc.) e 5) utilização de bens e serviços nacionais na expansão da Petrobrás (navios, dutos, etc.) e em grandes obras no Brasil e no mundo (Angola, Argentina, Moçambique, Panamá, Venezuela etc.). As conquistas mencionadas foram viabilizadas pelo agigantamento dos preços das commodities no mercado internacional em decorrência de processo de financeirização e do crescimento da demanda chinesa, levando o economista *A. Barros de Castro* a utilizar a expressão "*inversão dos termos de intercâmbio*".

Por outro lado, a facilitação da valorização do real por uso excessivo de instrumentos de hedge cambial (swaps, etc.) e a ausência de políticas setoriais de maior profundidade provocaram sérios danos à indústria nacional. A elevação do poder de compra dos trabalhadores em diversas situações garantiu mercados para Argentina,

China, Vietnã e outros países. Também a política de juros, embora menos danosa que nos anos 1990, criou óbices ao progresso econômico, visto que muitos capitais se dirigiram para a maior rentabilidade e o serviço da dívida pública seguiu abocanhando nada menos que 45% de nosso orçamento, levantando debate a propósito da auditoria cidadão da mesma (*Maria Lucia Fatorelli*). Isso para não mencionar o elevado spreed bancário que corrói possibilidades de consumo dos brasileiros.

A recente deterioração do preço das commodities no mercado mundial foi responsável por brutal desajuste no balanço de pagamentos de países como Argentina, Brasil e Rússia. Visando manter um patamar mínimo de atividade econômica, o governo brasileiro abriu mão de arrecadação para desonerações do setor produtivo (redução de IPI da linha branca, automóveis, etc.) e sustentou preços de derivados da Petrobrás impedindo repasses de custos para consumidores e indústrias, o que provocou danos nos cofres da empresa, que teve parte de seus projetos debilitados pela queda dos preços do petróleo. As chamadas "pedaladas fiscais", expediente utilizado por FHC, Lula e vários governadores, acabaram servindo para evitar aprofundamento da recessão que se instalava.

Com a atividade econômica em baixa e as contas públicas debilitadas por recessividade característica do Plano Real e necessárias desonerações tributárias, a inflação começou a superar as metas estipuladas e as agências de classificação de risco, mesmo que de índole duvidosa, passaram a ameaçar o rebaixamento do Brasil, o que acarretaria menor atratividade para fluxos de capital.

Coube ao governo realizar esforço fiscal para equilibrar as contas públicas e garantir a sustentação das conquistas sociais da última década. No entanto, o "ajuste fiscal", objetivando retomada da atividade econômica, torna-se insustentável pelas novas elevações das taxas de juros, que apesar de acalmarem os abutres do sistema financeiro, exigiram reposicionamento das metas fiscais e empréstimos como os ofertados pela República Popular da China.

A valorização do dólar (*clean floating)* apoiada pela redução dos derivativos do governo passou a estimular exportações, embora tenha surgido a necessidade de verificar soluções para o endividamento de empresas brasileiras em dólar, assim como para minorar danos de importações de insumos do setor produtivo.

Embora o novo patamar cambial atue em favor do reequilíbrio das contas públicas, a ausência de políticas industriais da complexidade de países como Alemanha e China, bem como as investigações de grandes empresas pela Operação Lava-Jato,

segue funcionando como retardadora do crescimento. Responsáveis por mais de 20% de nossa formação bruta de capital, as empresas investigadas pela Polícia Federal estão paralisando obras e consequentemente possíveis multiplicadores econômicos, gerando muitas demissões por todo o país. Sem a presença dessas empresas com mais de meio século de história em áreas como engenharia pesada e petróleo, poderosos grupos estrangeiros se aproximam de nossas concessões para gerar dividendos para seus países de origem.

Buscando acelerar a chegada à luz do fim do túnel, o governo está realizando o maior plano de concessões de infraestrutura de nossa história recente (PIL), orquestrando acordos internacionais garantidores de exportações e evitando maiores danos aos trabalhadores com programa de garantia de empregos. Se as expectativas forem alcançadas, é muito provável que até meados de 2016 tenhamos taxas de crescimento do PIB um pouco mais próximas da magnitude das necessidades da brava gente brasileira.

O MOVIMENTO DE LÁ PRÁ CÁ: HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA - BRASIL

Daniela Ferminio Götz[1]

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar e discutir o movimento migratório de haitianos ao Brasil e especificamente sua viagem até Florianópolis. É importante estudar quem são essas pessoas, suas histórias e características deste povo que até então são desconhecidos em nosso país. Faz-se necessário conhecer a vida desses haitianos que antes viviam no Haiti e que atualmente se encontram em outro país trabalhando, morando e se adaptando no mesmo. O número desses imigrantes no Brasil vem aumentando, inclusive na cidade de Florianópolis, chamariz de pessoas por ser considerada uma cidade tranquila e com boa qualidade de vida para se morar. Apesar de encontrarem uma série de dificuldades no quesito de entrada no país, documentação, dinheiro, ainda essa pré-disposição é mais válida do que não ter perspectiva nenhuma ao seu alcance no seu país de origem. Dessa maneira através dos objetivos da pesquisa, da metodologia e, sobretudo o uso de entrevistas, trouxe uma realidade efetiva que mereceu ser estudada.

Palavras-chave: Migração, Haiti, Florianópolis.

1. Introdução

Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, *grosso modo,* a demografia e a geografia, principalmente porque esta, ao tratar da ocupação dos territórios e da distribuição da população, inclina-se a anexar naquela – não é por nada que a demografia é uma questão, em parte, dos geógrafos e, em parte, dos historiadores. Mas o espaço dos deslocados não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) (SAYAD, 1998). Nesse caso o principal objetivo de estudo desta pesquisa que é a vinda dos haitianos para a capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Segundo Sayad (1998), prefácio de Pierre Bourdieu, diz que como Sócrates, o imigrante é *atopos,* sem lugar, deslocado, inclassificável. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o "imigrante" situa-se nesse lugar "bastardo" de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.

[1] Daniela Ferminio Götz formada no curso de Licenciatura e Bacharel em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina. danigotz@gmail.com

Xenofobia, ideologia da segurança, preconceito, problemas médicos-sanitários, disparidades econômicas entre as regiões ou o debate sobre políticas sociais excludentes e restritivas, compõem, digamos, uma agenda negativa dentro do quadro atual das migrações. Nessa agenda, as migrações são compreendidas como um problema que testa a nossa consciência possível sobre eles (PAIVA, 2007).

Segundo Germani (1974), um estudo eficiente do processo migratório, é preciso levar em conta não somente os fatores repulsivos e atrativos que motivaram o deslocamento de pessoas de sua terra mãe. A pesquisa precisa avaliar, também, as demais condições sociais, culturais e subjetivas presentes tanto no país de origem quanto no de destino, ou seja, em todo o sistema.

Para esta pesquisa se optou escolher a cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, aonde cada vez mais o contingente de haitianos vem crescendo a procura de melhores condições de vida e de trabalho e assim criando laços afetivos e culturais em outro país e em outra cidade.

O presente estudo visa conhecer, investigar e explicar a vinda dos haitianos para Florianópolis nos últimos anos até os dias atuais, para isso utilizando-se de imagens retiradas da Internet, mapas, observação e saídas a campo para entrevistar haitianos que residem na cidade, livros, artigos e Internet. Assim desta forma, é possível compreender essa corrente migratória de haitianos, e a que se deve essa situação e os motivos principais.

Figura 1: Localização do Haiti no mapa

Fonte: http://www.igadi.org/china/2008/imaxes/200406_mapa_de_haiti_1280.jpg

2. Com a Palavra, os Haitianos em Florianópolis

2.1 Como Vejo o Brasil

O recente fluxo migratório de haitianos no Brasil iniciou-se de forma tímida após o tremor de 2010, porém intensificou-se no final de 2011 e começo de 2012. Estima-se que, neste período, cerca de 4.000 imigrantes haitianos, segundo dados do Ministério da Justiça – MJ, entraram ilegalmente no país. Os haitianos adentraram principalmente pelas fronteiras do Acre e do Amazonas, mas há rotas nos estados de Roraima, Mato Grosso e Amapá (MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2013).

Segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores – MRE o montante de haitianos em território brasileiro já supera a marca de 10.000, sendo que, até 30 de junho de 2013, 6.052 estavam com seus vistos permanentes regularizados, segundo o Memorando nº 907/2013 da Secretaria Nacional da Justiça do MJ (Ministério da Justiça) (MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2013).

Evidencia-se que a leva de imigrantes provenientes do Haiti para o Brasil é fenômeno dinâmico, com variação de tempo e de espaço bem marcantes, pois, conforme dados do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, órgão colegiado vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego – TEM, no ano de 2010, foram concedidas autorização de permanência somente para 4 haitianos. Em 2011, foram 709, no entanto, em 2012, foram 4.682 e, até junho de 2013, foram 870 concessões (MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2013).

Na avaliação de Sidney da Silva, pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a razão do deslocamento "tem a ver com a situação histórica de injustiça e pobreza impostas a população haitiana durante séculos". A atual situação econômica brasileira também contribui para o ingresso de imigrantes no país. Segundo ele, o Brasil apresenta-se "no imaginário deles" como um país próspero, onde é possível crescer e ganhar dinheiro. "As notícias de crescimento econômico no Brasil animam aqueles que se encontram numa situação de falta total de perspectivas", em entrevista a revista concedida a IHU On-line.

Segundo Sidney da Silva em geral, a imagem que se veicula pelas redes sociais é a de que, em primeiro lugar, é fácil entrar no país, sobretudo pela fronteira norte (Tabatinga – AM), onde inicialmente eles pleiteavam um visto de refugiado, porém, o

governo brasileiro passou a lhes oferecer um de cunho humanitário, já que o primeiro lhes daria mais direitos. Esta via tornou-se principal porque a entrada via aeroporto seria mais cara e controlada, já que o Brasil passou a exigir visto de entrada no país. Por aquela via (fronteira com o Peru), a rota é menos complicada, já que aquele país não exige visto de entrada em seu território. Ao chegarem ao Brasil, eles recebem um visto humanitário que lhes dá o direito de tirar o CPF e a Carteira de Trabalho e também de terem acesso aos serviços de saúde pública. Porém, o grande problema da moradia e da alimentação no momento da chegada fica por conta da Igreja Católica, através da Pastoral do Migrante, a qual tem prestado um importante serviço de acolhida aos haitianos.

Sidney da Silva foi perguntado pela revista IHU On-line que atividades essas pessoas vão desempenhar no Brasil e qual é a perspectiva deles em relação a vivência no país.

> A inserção no mercado de trabalho é complicada, porque em geral eles não têm a qualificação exigida e os empregos disponíveis são aqueles relacionados a construção civil, serviços gerais no comércio, emprego doméstico, etc. Isto frustra a perspectiva inicial de conseguir um bom emprego e ganhar muito dinheiro para enviar as suas famílias que lá ficaram. Além da qualificação, a grande dificuldade para inserção deles no mercado de trabalho é a barreira linguística, visto que todos falam o creole e a maioria o francês.

De acordo com o relatório em parceria com a PUC MINAS, Ministério do Trabalho e Emprego, Organização Internacional para Migrações e o Grupo de Estudos Distribuição Espacial da População, divulgado em abril deste ano (2014), as principais razões apontadas pelos haitianos que motivaram sua vinda ao país são: trabalhar e estudar/buscar novas oportunidades; ajudar a família que ficou no Haiti; recomeçar uma vida por ter perdido tudo no terremoto; violência e falta de segurança no Haiti; e por ouvir que o "porto" do Brasil estava aberto.

A imagem do Brasil diante dos olhos haitianos é povoada de elementos distintos, mas que carregam um traço comum de esperança. Enquanto alguns pensam no Brasil como o país do futebol – a maior parte dos haitianos torceu pela seleção brasileira na Copa do Mundo, outros enxergam no vizinho regional a chance de realizar sonhos e poder ajudar aqueles que ficam no país castigado pelo desemprego.

Com mais de 70% da população sem emprego, muitos trabalham no setor informal da economia, vendendo comida, café, roupa, frutas, diesel e carvão nas ruas para conseguir cerca de 1,5 dólar por dia. O restante da população é absorvido pela

máquina estatal, por ONGs estrangeiras e pela modesta indústria que existe, como a têxtil.

Na entrevista concedida que fiz com haitianos residentes na cidade de Florianópolis, que irei usar nomes fictícios como John, Luc e Guto, me relataram as suas experiências sobre viver no Haiti e depois tomar a decisão de emigrar para o Brasil.

John parecia bem tranquilo na entrevista, 29 anos, natural de Saint Marc, bem humorado, respondeu as perguntas e sempre estava de olho no celular para ver o horário, já que depois dali ele teria que entrar no trabalho que fica no Shopping Beira Mar que duraria até a noite.

Perguntei ao John em relação aos países e estados que ele teve que passar antes de chegar a Florianópolis, e quando que decidiu vir para o Brasil.

"Passei pelo Equador, Peru e Bolívia e os estados foram Acre (entrada no país), Belo Horizonte e São Paulo, decidi vir para o Brasil em 2013".

Perguntei o motivo da vinda ao Brasil.

"Para trabalhar e estudar (tem facilidade de estudar se quiser)".

A mesma pergunta foi feita para Luc de 28 anos, natural de Gonaives e Guto de 27 anos, natural de Artibonite, ambos trabalham no mesmo lugar, em um supermercado de grande rede na cidade de Florianópolis, inclusive no mesmo setor de hortifruti. Desconfiados da entrevista obtive a ajuda de um funcionário do local que fez com que o acesso aos haitianos fosse facilitado. Antes de virem para o Brasil eles moravam na República Dominicana, mas vieram em épocas diferentes, Luc teve que passar pelo Equador e Guto foi para o Panamá e depois Equador, no Brasil os estados foram Acre (entrada no país), e depois vieram diretamente para Santa Catarina, em Florianópolis. Luc diz que "só Deus sabe o motivo de eu vir para o Brasil" e Guto resolveu vir no ano passado, os dois já conheciam outros haitianos que moravam na cidade. A segunda pergunta é a mesma feita para os dois haitianos, Luc responde que queria conhecer o país e conhecia pessoas (haitianos) que moravam aqui, falou que o Brasil estava um pouco melhor (de trabalho) e Guto respondeu que conhecia haitianos que moravam aqui e ficavam perguntando quando que ele ia vir ao Brasil.

Perguntei também a cada um deles o motivo de não morar na cidade (Brasiléia) de entrada no país.

John respondeu "que por causa do serviço que acabou a empresa mandou todo mundo embora (ele estava em São Paulo)", Luc disse que "não gostou de lá" e Guto também respondeu que "não gostei e não conhecia ninguém lá".

Em relação a visita feita no supermercado, o funcionário que me ajudou com as entrevistas falou sobre ter imigrantes haitianos trabalhando em Florianópolis, que são pessoas diferentes, eles não se comunicam muito com os outros sempre ficam em um grupo, não falam português direito, chegam no país de forma ilegal, nenhum médico examinou eles, não provam se tem antecedentes criminais e esses documentos traduzidos, e quando conseguem os documentos eles obtém título de eleitor para poder votar, e ele questiona: "desde quando um imigrante pode votar em um país que não é de origem? Em outros países como na Europa não é assim", e se fosse por ele não contrataria imigrantes, porque um dos diferenciais do supermercado é o atendimento, ele questiona mais uma vez: "como é que um haitiano que não sabe falar fluentemente português vai atender algum cliente em um momento de dúvida de algum produto"? Ao mesmo tempo disse que eles eram ótimos trabalhadores, criticou a mão de obra de brasileiros dizendo que não gostavam de trabalhar nos finais de semana, chegavam sempre no horário, educados e comprometedores com o serviço que prestavam e no final o funcionário disse que não tinha preconceito e que eles mereciam uma segunda chance.

O interesse dos haitianos pelo Brasil reforça a imagem de nação hospitaleira, mas chama a atenção para as condições de vida e trabalho que o país oferece.

2.2 Por Que Santa Catarina, em Particular Florianópolis?

"Foi uma aventura chegar até o Brasil. Em alguns momentos, pensei que nunca encontraria minha irmã em Santa Catarina (onde ela já mora há três anos)", entrevista dada por Jeremi Dozina para a Folha de São Paulo.

Jeremi Dozina conta que foi para a República Dominicana (país vizinho ao Haiti) até o Equador de avião. "De Quito, fui de ônibus até Lima, no Peru. De lá, outro ônibus para Puerto Maldonado (na Amazônia peruana), de onde partimos de van para o Brasil".

"Toda a travessia é complicada, e no Peru nos roubam muito, principalmente os policiais. Não há como viajar sem recorrer aos coiotes" (pessoas que aliciam os imigrantes e buscam facilitar a travessia em troca de dinheiro).

"No Acre (Epitaciolândia), fiquei alguns dias no abrigo e, assim que consegui o número de protocolo, peguei o ônibus para São Paulo. Foi outra aventura, três dias na estrada".

“Quando cheguei a São Paulo, em 21 de maio de 2014, fiquei um dia no alojamento da prefeitura, ao lado da igreja que recebe os imigrantes” (Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, no centro).

“Logo fui para a casa de um amigo haitiano que vivia na cidade. Não posso dizer que conheci São Paulo: como estava muito frio, praticamente não saí de casa. Um mês depois, parto finalmente para Florianópolis, onde minha irmã mais velha vive”.

Seguindo no mesmo caminho John, Luc e Guto também tiveram que passar pelo Acre que é a “porta de entrada” mais utilizada por eles, John foi o único que além do Acre, foi para Belo Horizonte, São Paulo e depois Florianópolis, tendo que permanecer algumas semanas e meses nessas cidades, Luc e Guto chegaram pelo Acre permanecendo durante 6 dias e após vieram diretamente para Florianópolis.

Perguntei durante a entrevista se eles estão gostando de morar em Florianópolis e há quanto tempo estão aqui, John respondeu que gosta e já está há 1 ano e 8 meses, Luc e Guto responderam que mais ou menos e já está há 1 ano e 7 meses, e que sim estão gostando muito daqui e que chegou faz 5 meses, respectivamente, para Jeremi (Folha de São Paulo), responde que “gosta do Brasil, gosto de Santa Catarina. Aqui encontrei a paz e estou feliz e acrescenta que sabia que havia muitos haitianos em Santa Catarina, mas não imaginava que eram tantos. Conheci muitos, praticamente todos trabalham. Aqui só não trabalha quem não quer”.

2.3 As Dificuldades: Documentação, Moradia, Idioma, Trabalho e Lazer

As entrevistas feitas com os haitianos mostra a situação de conseguir a documentação, John quando questionado sobre o tempo que levou para o pedido ser aceito, respondeu: “quando cheguei, pedi o refúgio e demorou de 15 a 20 dias, fiquei no Acre esperando e não teve nenhum problema pra conseguir a documentação, CPF, Carteira de Trabalho, Seguro Trabalho, é só esperar o visto permanente”.

A mesma pergunta foi feita para Luc que demorou seis dias e disse que tem que esperar o documento de residência, para Guto demorou cinco dias e disse que foi tranquilo, ambos esperaram os documentos no Acre.

Jeremi diz que está registrado no trabalho, “recebo um salário mínimo, mas não estou completamente regularizado. Ainda hoje só tenho o número do protocolo de entrada no país, que todos haitianos recebem quando chegam”.

Os haitianos quando chegam a Florianópolis começam a procurar moradia, através do questionário foi possível saber onde que eles se instalam, John respondeu que

mora no centro, sozinho, Luc mora no centro, na Rua Mauro Ramos com seus primos e Guto mora no bairro da Agronômica junto de seus primos também.

Perguntei se vieram sozinhos para o Brasil ou acompanhados. John veio com um amigo, Luc veio com seus primos e Guto veio com seu primo.

Sobre a dificuldade com a língua portuguesa, Jeremi falou “estou aprendendo a falar português com meus colegas de trabalho. Já melhorei bastante, é uma língua que se parece muito com o espanhol, que eu já falava”. John contou que não sabia falar português, nunca fez aula, aprendeu quando chegou ao país e afirma que “às vezes tem palavras que eu não entendo e aí eu olho no meu computador (celular) que traduz”, fala várias línguas como francês, espanhol, inglês e português. Luc contou que não sabia português, aprendeu aqui e disse que não é uma língua difícil, fala o espanhol e está aperfeiçoando o português. Guto não sabia falar português está aprendendo porque está morando em outro país, fala o espanhol e um pouco de português.

Foi questionado na entrevista aos haitianos como eles conseguiram o emprego em que eles estão atualmente e se conseguem se manter com o salário que recebem.

Para John ele já conhecia o restaurante em que trabalha, se cadastrou no Facebook da empresa, não precisou entregar currículo, por ele falar inglês ele foi contratado, e o dinheiro não dá pra ele se manter muito bem, ele não manda nenhum dinheiro para sua família que mora no Haiti e é o seu irmão do Haiti que manda dinheiro pra ele pagar as despesas.

Para Luc, se cadastrou pela Internet no site da empresa, fez a entrevista e depois de um dia eles o chamaram para trabalhar no setor de hortifruti, e o dinheiro é pouco para pagar a casa e andar bonito e junto a isso tem que pagar R$ 4.800 para comprar uma passagem para ir ao Haiti e visitar a sua família.

Para Guto que conseguiu o emprego através de Luc, trabalham no mesmo setor, o dinheiro dá para se manter mais ou menos e manda dinheiro para sua família no Haiti.

Para Jeremi que foi indicado por uns colegas haitianos, “comecei a trabalhar em uma pizzaria pouco tempo depois de chegar a Florianópolis”. É o mesmo lugar que ele ainda se encontra.

“Trabalho na cozinha, aos poucos fui aprendendo a fazer pizza, coisa que nunca havia feito na vida. Geralmente trabalho de segunda a sábado, folgando aos domingos”, afirma.

“No Haiti não há tantas pizzarias como aqui. Lá a maioria da população não consegue comprar uma pizza, que é considerada de rico. Mas aqui também não é todo mundo que pode”.

Outra questão foi feita através do questionário se no Haiti eles trabalhavam e/ou estudavam em qual segmento.

Segundo John fez faculdade de Tecnologia durantes 5 anos e chegou a finalizar os estudos, quer estudar em Florianópolis.

Luc respondeu que trabalhava com cerâmica de manhã e ia para a escola no período da tarde.

Guto estava na República Dominicana trabalhava como carpinteiro e na limpeza.

Questionou-se sobre o que fazem nas horas vagas, folgas e de lazer.

Jonh gosta de descansar, ficar numa boa sossegado.

Luc gosta de sair e descansar em casa.

Guto vai à igreja e descansa nas horas de folga.

Jeremi tem uma vida pacata desde o Haiti e depois na República Dominicana, onde também morou, não é muito de sair, de festa, balada, gosta de ficar em casa é o programa favorito dele nas horas de folga.

2.4 A Família e Religião Lá e Cá

Nessa parte da entrevista é questionado aos haitianos como era a sua vida no Haiti, de como está o país, agora em Florianópolis, suas famílias e se praticam alguma religião.

Para John a sua vida no Haiti “estava tranquila, tá de boa, não sei como está para as outras pessoas, mas pra mim está tudo bem, não posso dizer que a minha vida está mal, pra mim já viajei bastante na minha vida, não tenho dificuldades”.

Luc respondeu “morava com a minha família, era tranquilo”.

Guto respondeu “parecida com aqui, Brasil e Haiti parecidos, vai bem”.

Jeremi respondeu “o Brasil como no Haiti, é um país muito desigual, mas aqui pelo menos há muitas oportunidades, muito diferente da vida de lá”.

Foi perguntado se eles mantêm contato com as suas famílias e como.

John disse “mantenho contato todos os dias por Facebook e chamada a vídeo”.

Luc disse “mantenho contato por Facebook”.

Guto conta “por via Internet, Facebook”.

Quais são as dificuldades em estar longe da família, perguntou-se.

John conta que “sinto saudades da minha família”.

Luc respondeu “não sinto saudades, não tenho filhos e quando se tem é diferente”.

Guto responde “não tenho, sou sozinho”.

Jeremi diz “sou casado, minha mulher e minha filhinha estão na República Dominicana. Gostaria de trazê-las para o Brasil, mas minha mulher não quer, não sei o motivo, ela resiste a mudança”.

Como que está o Haiti agora, em que estado se encontra o seu país.

Segundo John “estão reconstruindo o país, ficou bem feio porque uma coisa grande que passou”.

Para Luc “estou muito tempo viajando, 10 anos, voltava para o país e ficava de 8 a 10 dias, o que eu posso dizer é que o país está tranquilo e tem poucas atividades”.

Guto responde “não sei, estou fora do país faz tempo”.

Como é a sua vida agora, atualmente morando em Florianópolis, perguntou-se aos haitianos.

John conta que “é muito complicado às vezes fico triste ficar longe da família, às vezes estou feliz por uma semana, duas semanas. Fico triste quando as pessoas ficam longe da família, pra voltar não é assim, o país não é perto tem que trabalhar muito pra comprar uma passagem que custa R$ 5.000, muito caro”.

Luc conta “que está tranquila, tem que trabalhar”.

Guto responde “tá tudo bem”.

Jeremi responde “até o momento não tive nenhum problema no Brasil”.

Também foi questionado sobre o preconceito por parte das pessoas em Florianópolis.

John respondeu “eu sinto um pouco”. (incomodado por dar essa resposta na hora da entrevista).

Luc disse “não, eu sou amigo”.

Guto disse “não, não”.

Jeremi respondeu “não sofri qualquer tipo de preconceito ou discriminação, sei que muitos haitianos passam por isso, mas comigo nada aconteceu, por sorte”.

Em relação à religião cada um respondeu de acordo com a sua.

John disse que sua religião é Batista.

Luc: “minha religião é Batista, mas aqui eu vou à Assembleia de Deus, porque a religião Batista de lá (Haiti) é diferente daqui”.

Guto: “minha religião é Batista, mas aqui eu não vou a igreja”.

2.5 Os Sonhos

Este último item das entrevistas trata dos sonhos e se os haitianos pensam em voltar para o Haiti ou pensam em morar para sempre no Brasil.

John: “meu sonho é ter uma profissão”.

Luc: “tenho que realizar as coisas que eu quero primeiro”.

Guto: “ficar por um tempo aqui e voltar para o Haiti”.

Jeremi: “sonho em voltar para o Haiti, afinal é o meu país, a minha casa e ainda tenho familiares por lá. Mas não sei quando conseguirei voltar”.

Respondendo a última pergunta segue o que os haitianos responderam.

John: “sim eu penso em voltar para o Haiti, só vou ficar por um tempo”.

Luc: “vou viajar e voltar tenho que fazer as coisas que eu quero, quando realizar eu vou embora, mais vou ficar indo e voltando”.

Guto: “sim, não penso em morar pra sempre aqui”.

3. Considerações Finais

A pesquisa mostrou os vários motivos dos haitianos saindo do seu país e vindo para o Brasil, mudando essa dinâmica que as pessoas tem e devem ficar em seu país para ajudar na reconstrução, já que a maioria dos imigrantes são jovens, estudados e detém força de vontade em recomeçar a vida. A vinda dos haitianos causa vários conflitos ao país como político, econômico, social, para exemplificar todos os itens darei exemplos, o Brasil teve a opção de comandar o exército armado MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti), que completa 10 anos, seguindo o princípio da solidariedade e de não indiferença, este fato fez do Brasil se responsabilizar pelo Haiti. Após o terremoto de 2010, que prejudicou muito o país, Brasília adotou a política de fronteiras abertas o que é contraditório nas notícias que falam que depois da primeira leva de haitianos a intenção era de fechar as fronteiras para eles. Outro ponto que deve ser abordado é a questão do pedido de refúgio e o visto humanitário, dois tipos de direitos que o imigrante tem, e que no Brasil funciona de maneira equivocada, já que os haitianos não sofrem perseguição, por isso não são reconhecidos como refugiados, porém, eles tem em vista a questão de serem pessoas que estão em condição de grande vulnerabilidade, com isso o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) permite que eles permaneçam no país, com visto humanitário e assim

podem residir e trabalhar aqui. Considerando as entrevistas que fiz com haitianos a informação anterior de que está sendo dado o visto humanitário para que fiquem legais em parte é confusa já que todos os entrevistados tinham pedidos de refúgio.

O governo vigente tem a responsabilidade de estruturar políticas públicas para tratar da entrada desse grande contingente de haitianos no país e analisar a situação dos municípios que recebem o maior número de imigrantes. Casos de exploração de mão de obra de imigrantes em nível de trabalho escravo, visando a não exploração pelo mercado de trabalho, são consequências de um país sem políticas públicas e de uma imigração mal sucedida (ilegal). O governo brasileiro que se mostra muito receptivo e humanitário aos imigrantes não tem estrutura e nem capacidade para receber tantos haitianos em seu território.

4. Referências

GERMANI, Gino. **Sociologia da Modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

Migrações internacionais: desafios para o século XXI / Odair da Cruz Paiva, organizador – São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007. p. : Il. – (Série Reflexões; v. 1)

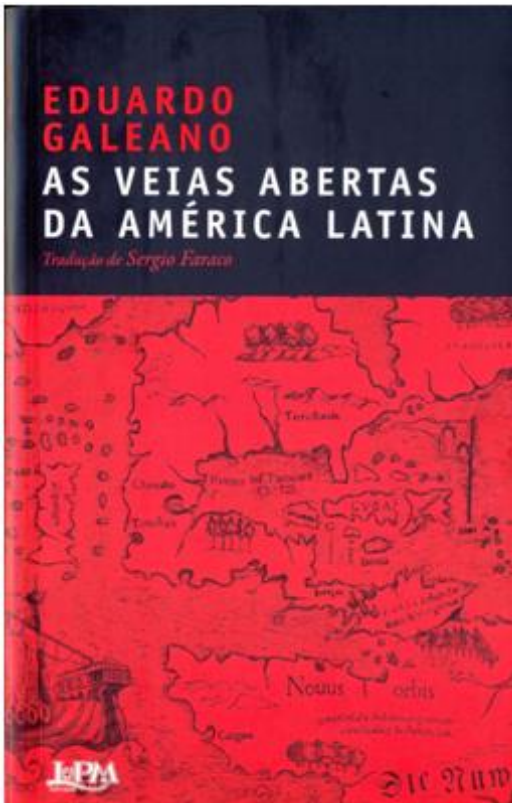
MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A Imigração Haitiana Para o Brasil: Causas e Desafios.** Revista Conjuntura Austral. Rio de Janeiro. Vol. 4, nº 20. Nov. 2013.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**/Abdelmalek Sayad; Prefácio Pierre Bourdieu; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45912-haitianos-os-novos-imigrantes-do-brasil-entrevista-especial-com-duval-magalhaes-e-sidney-da-silva acesso em 14/07/2015

http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1631737-um-ano-apos-aventura-para-chegar-ao-brasil-haitiano-faz-pizzas-em-sc.shtml acesso em 14/07/2015

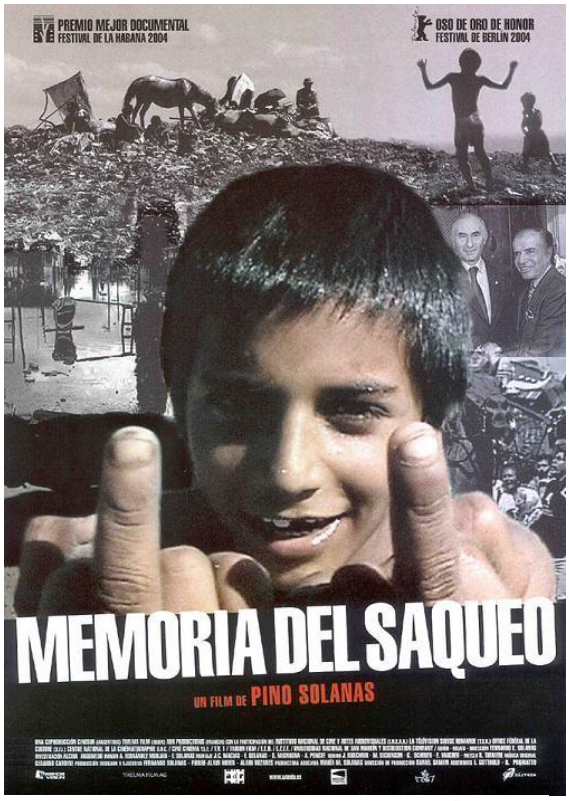
PET Indica



Livro: As veias abertas da América Latina

Descrição: No prefácio, escrito em agosto de 2010, especialmente para esta edição de 'As veias abertas da América Latina', Eduardo Galeano lamenta "que o livro não tenha perdido a atualidade". Remontando a 1970, quando a maioria dos países do continente padecia facinorosas ditaduras, este livro tornou-se um autêntico "clássico libertário", um inventário da dependência e da vassalagem de que a América Latina tem sido vítima, desde que aqui aportaram os europeus, no final do século XV. No começo, espanhóis e portugueses. Depois vieram ingleses, holandeses, franceses e, modernamente, os norte-americanos. Desde então o ancestral cenário permanece: a mesma submissão, a mesma miséria, a mesma espoliação.

Fonte: http://www.saraiva.com.br/as-veias-abertas-da-america-latina-3095353.html



Filme: Memoria del saqueo

Descrição: Um registro da histórica revolta dos argentinos em 2001. O filme faz a genealogia da pior crise da história argentina e aponta os principais responsáveis por essa situação dramática. O ápice da crise ocorreu em 19 de dezembro de 2001, quando os argentinos saíram às ruas para protestar contra o governo de Fernando de la Rúa e a situação de penúria em que se encontrava a maior parte da população. Durante as manifestações, que foram reprimidas pelas forças policiais, 34 pessoas morreram e o presidente De la Rúa acabou renunciando. Explica didaticamente como se deu o "saque" dos bens públicos ocorrido durante o período neoliberal nos países em desenvolvimento, realizado pelas instituições financeiras em uma obscura rede de corrupção e cumplicidade com os governos.

Fonte: http://www.pagina13.org.br/noticias/assista-aqui-memoria-del-saqueo-um-filme-de-pino-solanas/#.VdXbuflVhHw

Eventos

XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana
Data: 08 a 12 de Setembro.
Local: Hotel Praia Centro - Fortaleza
Informações: http://simpurb2015.com.br

I Semana de Geografia da Universidade do Pará
Data: 22 a 25 de Setembro.
Local: Vigia de Názare - PA
Informações: http://www.segeo2015.com/

37ª Reunião Nacional da ANPEd
Data: 04 a 08 de outubro.
Local: Florianópolis - SC
Informações: http://www.anped.org.br/news/informes-da-37-reuniao-nacional-da-anped-2015

VII Encontro Nacional de Ensino de Geografia
Data: 9 a 12 de Outubro.
Local: Catalão - GO
Informações: http://www.segeo2015.com/

Encontro Nacional da AMPEGE
Data: 09 a 12 de outubro.
Local: Presidente Prudente- SP
Informações: http://www.enanpege.ggf.br/2015/

XV Simpósio de Geografia da UDESC
Data: 21 a 23 de outubro.
Local: Florianópolis - SC
Informações: http://xvsimgeoudesc.wordpress.com/

VIII Eregeo SUL
Data: 5 a 7 de Setembro 2015
Local: UFSC – Florianópolis – SC
Informações: http://eregeosul.blogspot.com.br/